

# JUVENTUDES BRASILEIRAS:

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS





VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA  
ROSANE CASTILHO  
ORGANIZAÇÃO

# JUVENTUDES BRASILEIRAS: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS



2021

## **Conselho Editorial**

Dr. Clívio Pimentel Júnior - UFOB (BA)

Dra. Edméa Santos - UFRRJ (RJ)

Dr. Valdriano Ferreira do Nascimento - UECE (CE)

Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Gomes da Silva - UNEB (BA)

Dr<sup>a</sup>. Eliana de Souza Alencar Marques - UFPI (PI)

Dr. Francisco Antonio Machado Araujo – UFDF (DF)

Dr<sup>a</sup>. Marta Gouveia de Oliveira Rovai – UNIFAL (MG)

Dr. Raimundo Dutra de Araujo – UESPI (PI)

Dr. Raimundo Nonato Moura Oliveira - UEMA (MA)

Dra. Antonia Almeida Silva - UEFS (BA)

---

## **JUVENTUDES BRASILEIRAS:**

**questões contemporâneas**

© Victor Hugo Nedel Oliveira - Rosane Castilho

1<sup>a</sup> edição: 2021

---

### **Editoração**

Acadêmica Editorial

### **Diagramação**

Danilo Silva

### **Capa**

Marcus Vinícius Machado Ramos

### **Reprodução e Distribuição**

CAJU: Educação, Tecnologia e Editora

Ficha Catalográfica elaborada de acordo com os padrões estabelecidos no  
Código de Catalogação Anglo – Americano (AACR2)

J97 Juventudes brasileiras: questões contemporâneas / Victor Hugo Nedel  
Oliveira, Rosane Castilho, organizadores. – Parnaíba, PI: Acadêmica  
Editorial, 2021.  
321 p. : il.

ISBN: 978-65-88307-98-4

1. Juventudes. 2. Processos sociais. 3. Tecnologias digitais.  
4. Educação e cultura. I. Oliveira, Victor Hugo Nedel (Org.).  
II. Castilho, Rosane (Org.). III. Título.

CDD: 305.235

Bibliotecária Responsável:

Nayla Kedma de Carvalho Santos – CRB 3ª Região/1188



# **"GRIPEZINHA? NÃO! ALGO MUITO GRAVE E PREOCUPANTE": AS PERCEPÇÕES DE JOVENS DE PORTO ALEGRE (RS) EM RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID-19<sup>1</sup>**

Victor Hugo Nedel Oliveira  
Andreia Mendes dos Santos

## **PALAVRAS INICIAIS**

O ano de 2020 foi marcado, em nível global, pela chegada daquilo que se denominou como a maior crise sanitária dos últimos 100 anos, a partir da pandemia da doença chamada COVID-19, que se origina na infecção de uma nova classe do coronavírus. A cobertura midiática em relação à pandemia colocou o mundo frente à realidade da necessidade do distanciamento corporal, do uso de máscaras e da constante higienização das mãos. Os cenários urbanos foram completamente transformados, no que se pode visualizar cidades vazias, escolas fechadas e um ensino transformado rapidamente para a modalidade em rede, hospitais em superlotação, dentre outros aspectos. Também foi possível acompanhar as diversas formas de condução da pandemia pelas autoridades dos variados países, a partir de

---

1 Esse capítulo trata-se de um dos resultados do Estágio de Pós-Doutorado em Educação realizado pelo Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com projeto de pesquisa intitulado "Juventudes Contemporâneas e a pandemia da Covid-19: novas constituições de ser jovem", sob supervisão acadêmica da Dra. Andreia Mendes dos Santos. Uma versão aproximada deste texto foi publicada no volume 06, número 16, ano 2021 do periódico Boletim de Conjuntura.



suas formas de pensar e ver o mundo: alguns com amparo total da ciência e alguns outros dando às costas para os alertas e o conhecimento científico.

Não restam dúvidas de que toda a população sofreu, em algum grau, com a chegada da pandemia da COVID-19, que tomou a todos de surpresa e até despreparados. Com as juventudes contemporâneas, sujeitos compreendidos na faixa etária dos 15 aos 29 anos, tal cenário não foi diferente, uma vez que as aulas presenciais foram suspensas, o fluxo na cidade e o contato presencial com os amigos foi em algum grau interrompido, ou seja, as sociabilidades juvenis tiveram que se adaptar (OLIVEIRA, 2020a). Ser jovem no mundo contemporâneo abarca o entendimento de uma complexidade que envolve múltiplos aspectos da vida: constituição pessoal, relacionamentos interpessoais, coletividades, afetividades, relações com os mais variados elementos, entre outros (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017). Nesse sentido, a chegada da pandemia proporcionou distintas mudanças no cotidiano das juventudes, que passaram a experimentar novas constituições de ser e de estar em suas vidas.

Analisar as mudanças que a pandemia da COVID-19 trouxe para as juventudes contemporâneas e as percepções que tais sujeitos construíram em relação ao momento histórico, em especial as juventudes urbanas do município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, constituiu-se de principal objetivo do projeto de investigação em nível de pós-doutorado denominado: “Juventudes contemporâneas e a pandemia da COVID-19: novas constituições de ser jovem”, realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), do qual decorre o presente texto. O principal objetivo, portanto, foi analisar as percepções de jovens da cidade de Porto Alegre (RS) em relação à pandemia



da COVID-19, a partir da constituição e caracterização dos sujeitos, bem como da avaliação de afirmações apresentadas no modelo de escala Likert.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, a partir do entendimento de Gil (2007), tratou-se de investigação quantitativa, que buscou traduzir em números e porcentagens as informações coletadas com os sujeitos da investigação. Quanto à natureza, tratou-se de pesquisa aplicada, já que os conhecimentos produzidos pela proposta podem ser empregados em situações práticas, tanto de interpretação de novas realidades, quanto na proposição, por exemplo, de políticas públicas para as juventudes em tempos de pandemia e no pós-pandemia. Em relação aos objetivos, tratou-se de pesquisa descritiva, já que o objetivo esteve relacionado com a caracterização de certa população (juventudes) em certo fenômeno (pandemia da COVID-19). Por fim, em relação aos procedimentos, tratou-se de investigação de levantamento, uma vez que buscou caracterizar os sujeitos e coletar suas opiniões e percepções sobre o fenômeno estudado.

O instrumento de coleta de dados da pesquisa foi um questionário auto-aplicável, disponibilizado na plataforma *Google Forms*, composto por três partes básicas: a primeira, caracterização da amostra de investigação, na qual foram solicitadas informações referentes à idade, gênero, etnia, ocupação, acesso à internet, dentre outros. A segunda parte, denominada “afirmações na escala Likert”, apresentou quatro afirmações sobre o tema da pandemia, para que os sujeitos pudessem assinalar seu grau de concordância, discordância ou indiferença em relação ao que lhes era apresentado, a partir do modelo desenvolvido por Likert (1932). Por fim, a terceira e última parte, apresentou duas frases aos jovens participantes, nas quais os mesmos deveriam completar com a primeira palavra que lhes vinha à mente. As frases elegidas



para apresentação nesse texto foram: “a pandemia é” e “a pandemia não é”. O questionário foi disponibilizado na rede por 15 dias, no mês de outubro de 2020.

Os sujeitos da pesquisa foram os jovens (de 15 até 29 anos) da cidade de Porto Alegre. A partir do entendimento de que a população de Porto Alegre possui aproximadamente 1,4 milhões de habitantes e que as juventudes compreendem aproximadamente 25% dessa parcela de população, se tem o quantitativo de, aproximadamente, 350 mil jovens na cidade de Porto Alegre. O número de respondentes efetivos do questionário foi de 306 jovens, o que, em uma leitura estatística, proporcionou que os dados possuíssem 97% de confiança, com uma margem de erro de 5% estimada.

Em relação aos mais altos padrões de cuidados éticos na pesquisa em Ciências Humanas e em atendimento ao disposto na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), os sujeitos menores de idade (entre 15 e 17 anos) precisaram apresentar o consentimento dos responsáveis, além de oferecerem seu assentimento em responder o questionário. Os sujeitos maiores de idade (entre 18 e 29 anos) precisavam apresentar seu consentimento para responder ao questionário. Todos os sujeitos foram informados dos riscos e benefícios em aceitar participar da pesquisa, que sua participação era voluntária e que poderiam parar de responder ou desistir de enviar o questionário a qualquer tempo e por qualquer motivo.

## **ALGUNS DOS ACHADOS**

Inicialmente, em relação à caracterização da amostra da investigação, composta por 306 jovens da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, foram verificadas informações referentes ao gênero, etnia, faixa etária específica e ocupação dos mesmos, pelo que foi possível realizar a construção do quadro 1, que segue.





Quadro 1 – caracterização geral da amostra

Gênero			Etnia			Faixa etária			Ocupação		
Seleção	%	N	Seleção	%	N	Seleção	%	N	Seleção	%	N
Feminino	71	193	Branca	80	217	15 – 17 anos	27	73	Apenas estuda	54	165
Masculino	28	77	Preta/Parda	18	50	18 – 24 anos	57	156	Apenas trabalha	8	24
Outros	1	2	Outras	2	5	25 – 29 anos	16	43	Trabalha e estuda	36	110
									Nem trabalha, nem estuda	2	7

Fonte: banco de dados da pesquisa (2020). Organização: os autores (2021)

A partir da análise e observação do quadro 1 é possível verificar que o perfil geral da amostra da pesquisa foi composto, em maioria, por mulheres (71%), brancas (80%), entre os 18 e 24 anos (57%) e que apenas estudam (54%). Há que se destacar, portanto, que o entendimento do perfil de determinada investigação diz respeito aos resultados que serão encontrados em suas análises, na medida em que múltiplos determinantes formam o *corpus* das pesquisas, em especial aquelas organizadas em metodologia de questionário de amplo acesso, como é o caso do presente estudo.

Ainda assim, levando em conta tais considerações, destaca-se o número de sujeitos jovens negros e pardos que responderam ao instrumento de pesquisa (18%) e, ainda, outro dado a merecer destaque analítico é o quantitativo de jovens que estudam e trabalham ao mesmo tempo (36%), bem como os que nem estudam e nem trabalham (2%), historicamente conhecidos como “nem-nem”, entretanto, entende-se que o fato de serem jovens que não estudam e não trabalham, na maioria dos casos por lhes faltarem acesso ao estudo e/ou ao trabalho, pelo que se prefere, nessa investigação, a adoção do termo “sem-sem”, ou seja, jovens sem estudo e sem trabalho.



Ainda, em uma caracterização da amostragem da pesquisa, 40% (n = 122) dos jovens participantes do estudo inferiram que tiveram conhecimento da investigação através das redes sociais; 36% (n = 110) através de amigos; e 24% (n = 74) através de outros meios, como indicação da escola/universidade, professores, e-mail, dentre outros. Esses dados refletem a significativa importância das redes sociais no serviço de divulgação dos saberes e fazeres da universidade (MARTELETO, 2018) ainda que em meio ao oceano de desinformações e notícias falsas que circulam pela internet e pelas redes sociais. Ainda, o contato dos amigos dos sujeitos da pesquisa, que alcançaram o acesso para responder ao questionário disponibilizado na rede colaborou no amplo alcance que a investigação pode alcançar. Nesse sentido a potencialidade metodológica que as redes sociais proporcionam para a investigação científica também pode ser constatada no presente estudo.

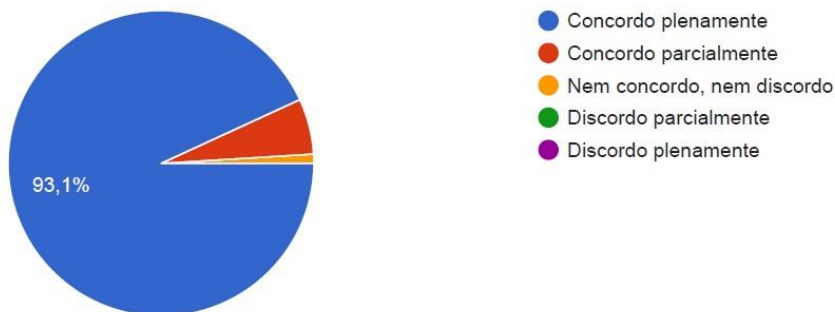
Em relação ao acesso à rede mundial de computadores, 91% (n = 278) dos jovens que participaram da investigação afirmaram que utilizam banda larga em suas residências, ao passo em que 9% (n = 28) dos sujeitos informaram que possuem apenas acesso aos dados móveis dos aparelhos de smartphone. Ainda, em relação ao tipo de aparelho de maior acesso, 81% (n = 248) afirmaram ser o smartphone e 19% (n = 58) ser o computador. Tais dados vêm ao encontro da discussão proposta por Spizzirri *et al* (2012), quando refletem sobre os usos da internet por jovens internautas, destacando os comportamentos e envolvimento dos jovens no uso das tecnologias digitais. Ainda, há o destaque para o uso do smartphone como principal aparelho para o acesso à internet, que possibilita a atuação, em especial, nas redes sociais e plataformas de vídeo.

Ao analisar as afirmações propostas no modelo da escala Likert, apresentou-se aos sujeitos a primeira afirmação, que foi constituída da seguinte frase: “o uso de máscaras para



sair e a higienização das mãos é fundamental para conter o avanço do coronavírus”. Nesse sentido, os jovens podiam assinalar seu grau de concordância em relação à afirmação, pelo que foi possível construir o gráfico 1, que segue.

Gráfico 1 – Afirmação 1 na escala Likert



Fonte: banco de dados da pesquisa (2020). Organização: os autores (2021)

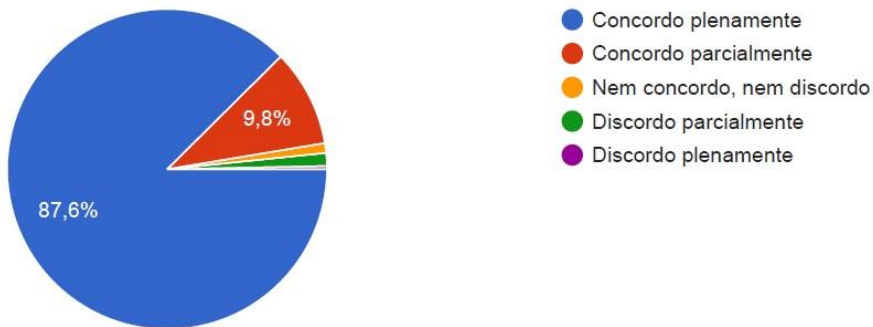
A análise do gráfico conduz à interpretação de que a massiva maioria encontra-se no grau de concordância com a afirmação relacionada às medidas de profilaxia em relação à contenção da propagação da doença causada pelo novo coronavírus. Há um percentual ínfimo no grau de indiferença e não foram identificados jovens sujeitos no grau de discordância em relação à afirmação proposta. Nessa leitura, é possível considerar que a amostra da investigação, composta por jovens da cidade de Porto Alegre está consciente e, em certo grau, bem informada em relação ao que a ciência vem produzindo e alertando à população, sobre as formas conhecidas e comprovadas de prevenção da contaminação, que é o uso de máscaras ao sair de casa e a constante higienização das mãos, como apregoam Baptista e Fernandes (2020) e Souza *et al* (2020) em seus estudos. O engajamento das juventudes no reconhecimento das técnicas de prevenção relacionadas



à COVID-19 põe em xeque as afirmações que eventualmente são realizadas, de que jovens são “inconsequentes” ou “irresponsáveis”, uma vez que os dados evidenciam, ao menos, o entendimento da informação necessária em tempos de pandemia.

A segunda afirmação apresentada aos jovens participantes do estudo foi: “o isolamento/distanciamento social é uma boa forma de evitar a propagação do coronavírus”, pelo que foi possível construir o gráfico 2, que segue.

Gráfico 2 – Afirmação 2 na escala Likert



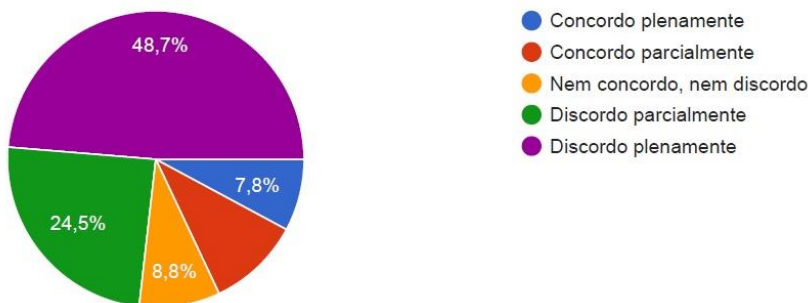
Fonte: banco de dados da pesquisa (2020). Organização: os autores (2021)

O alto índice de concordância em relação à afirmação proposta, representado pelos 97,4% (n = 297) dos sujeitos aponta, outra vez, para o reconhecimento relacionado às medidas de contenção da proliferação do contágio pelo novo coronavírus, na medida em que o distanciamento social, aliado ao uso de máscara e a higienização das mãos são as estratégias conhecidas como possibilidades de evitar o contágio. Há, nesse sentido, uma ponderação em relação à terminologia inicialmente adotada, de um “isolamento” ou “distanciamento” social, a partir de discussões como as apresentadas por Oliveira (2020b), uma vez que os sujeitos não deixaram de manter contato social, o que foi altamente recomendado foi



o distanciamento presencial, mas não o social, fator que pôde ser suprido, ao menos em parte, pelas redes sociais. Há um número ínfimo de sujeitos que apontaram indiferença ou até discordância em relação à frase apresentada, e, para seguir nessa leitura analítica, se faz necessário chamar ao debate a terceira afirmação apresentada aos jovens participantes do estudo que foi: “prefiro o contato social presencial ao virtual, em tempos de COVID-19”, pelo que foi possível construir o gráfico 3, que segue.

Gráfico 3 – Afirmação 3 na escala Likert



Fonte: banco de dados da pesquisa (2020). Organização: os autores (2021)

O alto índice de discordância em relação à afirmação proposta, representado pelos 73,2% (n = 223) dos sujeitos aponta, outra vez, para o prosseguimento da consideração que os sujeitos jovens participantes do estudo detiveram em relação às medidas de contenção da propagação do vírus. O que passou a chamar a atenção, nesse ponto da análise, foi o índice de 8,8% (n = 28) de indiferença e o percentual de 18% (n = 55) de concordância em relação ao tópico em tela. Por mais que a afirmação apresentada aos jovens deixasse claro que o cenário colocado referia-se “em tempos de COVID-19”, um percentual considerável de sujeitos (26,8%, n = 83), nessa etapa de respostas ao questionário, manifestou-se indiferente



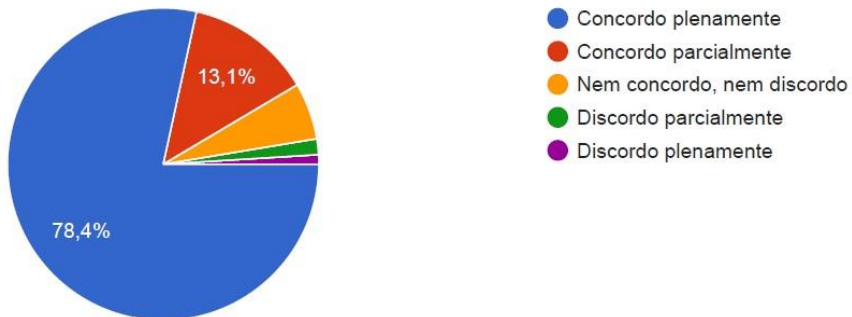
ou até em concordância (plena ou parcial) em relação à afirmação de preferir o contato presencial em detrimento do virtual.

Duas análises iniciais poderiam ser consideradas para esse resultado obtido. A primeira, diz respeito ao papel das redes sociais em tempo de COVID-19 e de suas limitações, como já discutem Bezerra *et al* (2020), em especial pela falta de contato físico, espaços e tempos essenciais na constituição das sociabilidades juvenis. A outra possibilidade analítica frente ao resultado verificado, diz respeito a um dos entendimentos das juventudes: o fato de, em determinados grupos e contextos, se colocaram como resistência e/ou oposição ao dominante, nesse caso, entendido como a própria pandemia. Não é aleatória a realização do que passou a se denominar de “festas da COVID”, em geral organizadas e frequentadas por sujeitos jovens. As aglomerações juvenis em bares, shows, casas de espetáculos e festas (CARVALHEIRO, 2020) podem ser entendidas, em algum grau, como essa tentativa de oposição negacionista ao momento em que se vive, sinal, inclusive, do sofrimento emocional de tais sujeitos, ao terem, em algum grau, suas liberdades interrompidas.

A quarta e última afirmação apresentada aos jovens participantes do estudo foi: “o governo brasileiro está sendo negligente em relação à pandemia da COVID-19”, pelo que foi possível construir o gráfico 4, que segue.



Gráfico 4 – Afirmação 4 na escala Likert



Fonte: banco de dados da pesquisa (2020). Organização: os autores (2021)

O alto grau de concordância em relação à afirmação, representado pelo percentual de 91,5% (n = 278) aponta para o entendimento de que os jovens participantes do estudo percebem a inação do atual governo brasileiro em relação às medidas que seriam necessárias para mitigar os efeitos da pandemia na realidade social brasileira, que já é, historicamente, desigual. Um dos principais fatores envolvidos nessa percepção encontrada nos sujeitos da investigação pode ser explicado pelo negacionismo da doença e da pandemia, empregado pelo governo em especial pela autoridade máxima do país (CAMPOS, 2020). Não foram poucas as declarações emitidas pelo presidente da República – e amplamente divulgadas pelos veículos de comunicação do país – nas quais aquele que deveria gerir e conduzir o Brasil durante a maior crise sanitária dos últimos 100 anos nega a existência da pandemia e, como se isso não bastasse, jacula comentários desrespeitosos em relação às vítimas da doença.

Foram apresentadas duas frases aos jovens participantes do estudo, nas quais os mesmos deveriam completar com a primeira palavra que lhes vinha à mente, de modo a realizar o esforço de captar suas impressões de maior destaque sobre o tema. As frases utilizadas para a escrita



desse texto foram, respectivamente, “a pandemia não é” e “a pandemia é”. Após análise das respostas dos sujeitos, foi possível construir a imagem 1, que apresenta as duas nuvens de palavras de cada conjunto de respostas.

Imagem 1 – nuvens de palavras

A PANDEMIA NÃO É...



A PANDEMIA É...



Fonte: banco de dados da pesquisa (2020). Organização: os autores (2021)

Inicialmente, cabe destacar que foi esse conjunto analítico que deu origem ao título do presente capítulo, uma vez que ficam explícitas as percepções dos jovens de Porto Alegre, ao entenderem que a pandemia não é nem “brincadeira” e nem uma “gripezinha”. Ao contrário, apontam que a pandemia é “horrível”, “preocupante”, “grave”, “assustadora”, entre outras percepções. A principal utilização da expressão “gripezinha”, diz respeito aos episódios nos quais o presidente da República nominou a doença Covid-19 como tal<sup>2</sup>, em suas incontáveis tentativas de menosprezar o impacto do vírus e sua ação mortal ao negligenciar a imediata compra de vacinas, bem como seu mau exemplo, ao promover aglomerações e não usar máscara, atitudes sabidamente necessárias em tempos da presente pandemia pela qual vivemos.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>  
Acesso em: 03 mai. 2021.





O fato de que os jovens sujeitos da pesquisa percebam – em altíssimo grau – a negligência do governo federal em relação aos cuidados que deveria ter na condução da pandemia no país coloca as juventudes, outra vez mais, em posição de atenção a sua realidade social. Para além da ampla divulgação midiática das contradições presentes nas poucas ações do governo, as incertezas em relação à vacinação em massa no Brasil ainda seguem e múltiplos desencontros de informações têm sido dispersados pelos negacionistas e aqueles que insistem em cancelar o desserviço de descrédito em relação ao que a ciência vem produzindo como um todo. Autores como Henriques e Vasconcelos (2020) e Caponi (2020) apontam para a alta resistência ao conhecimento científico nos espaços institucionais, em meio à grave crise política que se instala no país. A percepção dos jovens em relação a esse cenário aponta no sentido de que tais sujeitos estão alerta e em busca de saber o que de fato ocorre em suas realidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foi possível proporcionar reflexão acerca das percepções de jovens da cidade de Porto Alegre sobre a pandemia da COVID-19, a partir das análises de questionário que buscou montar um perfil da amostra de pesquisa e dos graus de concordância, discordância ou indiferença em relação às afirmações sobre a pandemia. Os estudos que visam descrever e explorar os novos cenários constituídos a partir da chegada da pandemia da COVID-19 possuem o desafio teórico e metodológico de realizar investigações ainda nos momentos “quentes” dos fatos, pois os mesmos ainda encontram-se em andamento.

Através do presente estudo montou-se a caracterização da amostra da pesquisa, etapa fundamental nas investigações sobre, de, para e com os jovens contemporâneos. Conhecer quem são os jovens e o que pensam sobre determinados assuntos, constitui-se de elemento chave para a compreensão



das múltiplas e diversas realidades desses sujeitos. Nesse sentido, o cenário apresentado de jovens mulheres, brancas, com idade entre 18 e 24 anos e que apenas estudam denotou um conhecimento analítico que possibilitou interpretar as questões que seguiram no instrumento de coleta de dados da pesquisa com maior conhecimento epistêmico.

Tratam-se, portanto, de jovens que, em sua ampla maioria, reconhecem as medidas de distanciamento corporal, uso de máscaras e higienização constante das mãos, por exemplo, como estratégias fundamentais para frear o avanço dos índices de contaminação pelo novo coronavírus. Ainda, reconhecem o governo federal como sendo negligente em sua atuação no que se refere à pandemia. São jovens, portanto, que possuem conhecimento de suas realidades e, a partir das informações que lhes são apresentadas, são capazes de construir seus próprios pensamentos de vida e, com isso, manifestar-se, ao dizer “eu existo, eu estou no mundo, eu tenho minhas próprias crenças”.

Pensar e refletir, nesse sentido, as percepções que jovens de determinada realidade possuem em relação ao período histórico pelo qual se vive é, em um primeiro momento, reconhecê-los como sujeitos de direitos e, ainda, em um segundo momento, distingui-los como atores sociais protagonistas de sua história, de um presente, e não apenas de um futuro que lhes aguardaria. A pandemia da COVID-19 ainda segue nos impondo constantes desafios e grandes necessidades de adaptações ao novo cenário que vem se instalando. Resta a nós, pesquisadores, seguir analisando os fatos e reconhecendo os elementos que forem surgindo.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, A. B.; FERNANDES, L. V. COVID-19, análise das estratégias de prevenção, cuidados e complicações sintomáticas. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, vol. 7, n. 3, dezembro,



2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8779/16721> Acesso em: 03 mai. 2021.

BEZERRA, A. C. V. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência e Saúde coletiva**, vol. 25, n. 1, dezembro, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/biblio-1101069> Acesso em: 03 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.htm](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.htm) Acesso em: 03 mai. 2021.

CAMPOS, G. W. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, educação e saúde**, vol. 18, n. 3, dezembro, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/sQgGPbjSPqPSqYnsZxWvxwf/?lang=pt> Acesso em: 03 mai. 2021.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, vol. 34, n. 99, dezembro, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173382/162575> Acesso em: 03 mai. 2021.

CARVALHEIRO, J. R. Os coletivos da Covid-19. **Estudos avançados**, vol. 34, n. 99, dezembro, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/r3b8xvPR6jZP5bQvhY6DSCs/?lang=pt> Acesso em: 03 mai. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

HENRIQUES, C. M. P.; VASCONCELOS, W. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Estudos avançados**, vol. 34, n. 99, dezembro, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173368> Acesso em: 03 mai. 2021.

LIKERT, R. A Technique for the Measurement of Attitudes. **Archives of Psychology**, vol. 140, 1932.



MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Telfract**, vol. 1, n. 1, agosto, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2247> Acesso em: 03 mai. 2021.

OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes, escola e cidade na pandemia da COVID-19. **Boletim da Conjuntura**, v. 4, n. 10, abril, 2020a. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/OliveiraNedel> Acesso em: 03 mai. 2021.

OLIVEIRA, V. H. N. O papel da Geografia diante da pandemia da COVID-19. **Boletim da Conjuntura**, v. 3, n. 7, julho, 2020b. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/Nedel/3024> Acesso em: 03 mai. 2021.

OLIVEIRA, V. H. N.; LACERDA, M. P. C.; SANTOS, A. M.; FEIXA, C. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**, v. 34, n. 70, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58145> Acesso em: 03 mai. 2021.

PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C.; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação - uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, n. 64, dezembro, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/bK3zGhhGQQ6TTGHn7P5qvSN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 03 mai. 2021.

SOUZA, C. T. V. Cuidar em tempos da COVID-19: lições aprendidas entre a ciência e a sociedade. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 36, n. 6, agosto, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41818> Acesso em: 03 mai. 2021.

SPIZZIRRI, R. C. P. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Argumento**, vol. 30, n. 69, dezembro, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288> Acesso em: 03 mai. 2021.